

## A nova cultura literária segundo Richard Rorty

Tiago Leite Costa<sup>1</sup>

### **Resumo:**

Richard Rorty (1931-2007) ficou famoso por defender a atualização do pragmatismo filosófico americano contras as teorias fundadas na noção de verdade como correspondência entre linguagem e realidade. Rorty defendia a distinção entre a ideia de que o mundo está diante de nós e a ideia de que a verdade do mundo está diante de nós. Dizer isso é o mesmo que dizer que somente sentenças podem ser verdadeiras ou falsas e não dados brutos não linguísticos. Existem inúmeros desdobramentos da crítica neopragmática do autor. Este trabalho comenta a sua hipótese de que vivemos a transição de uma “cultura filosófica” para uma “cultura literária”. Para Rorty, esta transição se reflete no crescente desinteresse pela busca de um discurso único abarcador de todos os aspectos da vida, e, ao mesmo tempo, aponta para o entusiasmo com os enunciados provisórios, idiossincráticos e contextuais. Este artigo apresenta uma introdução à noção de “nova cultura literária” de acordo com Richard Rorty.

**Palavras-chave:** Richard Rorty; neopragmatismo; “nova cultura literária”.

### **1 Introdução**

Richard Rorty defendeu em vários ensaios a ideia de que, na passagem do século XIX para o XX, a filosofia perdeu seu status de metadiscorso fundador de todos os outros discursos da cultura. Rorty acreditava que, assim como no século XVIII os fundamentos religiosos deixaram de ser uma condição para a compreensão da vida; hoje em dia, para a maioria dos intelectuais, os fenômenos culturais e subjetivos prescindem de fundamentos filosóficos para serem entendidos.

O declínio do prestígio da filosofia foi um reflexo das inúmeras críticas (filosóficas, literárias, políticas, psicológicas, antropológicas etc.) às concepções mentalistas da verdade. Dentre elas, Rorty se diz adepto da filosofia pragmática americana e de sua crítica à premissa de representação entre pensamento e realidade. Em linhas gerais, o pragmatismo rejeita a tradicional ideia de que os órgãos dos sentidos recolhem informações externas que são elaboradas em nossa mente, e que a imaginação é uma espécie de suplemento, distorcendo ou enriquecendo a informação no processo.

De acordo com Rorty, não há algo tal como a recepção de informações até que haja linguagem para distinguir essas informações. Ao afirmar isso, o filósofo pretende descartar a habitual imagem acerca do desenvolvimento da linguagem, segundo a qual esta foi forjada por pessoas dando nomes para coisas sobre as quais já estavam pensando. Com ironia, Rorty argumenta que os bebês não pensam em “mentais” (a linguagem da mente) antes de adquirirem vocabulário para se comunicar.

Obviamente, diz ele, animais, plantas e bebês dão inúmeras respostas ao meio ambiente que os cerca. Entretanto, consciência, informação e conhecimento só ocorrem após a aquisição de linguagem. Antes que haja intercâmbios conversacionais não pode haver coisas como fatos, crenças ou entendimento, pois distinguir tais fenômenos é uma consequência do exercício da linguagem.

Ter uma mente não é ter um teatro dentro do crânio, com representações sucessivas dos arredores cintilando na tela (...). Dizer que um cão conhece seu dono, ou um bebê sua mãe, é dizer que uma fechadura sabe quando a chave certa foi inserida, ou

que um computador sabe quando a senha correta foi digitada. Dizer que os olhos do sapo dizem algo ao cérebro do sapo é como dizer que uma chave de fenda diz alguma coisa ao parafuso. (RORTY, 2009. p.193).

Seguindo esse raciocínio, Rorty defenderá que a linha divisória entre um mero mecanismo e a consciência é a metalinguagem. Ou seja, é o momento em que a linguagem se “desnaturaliza” e que podemos discutir e sugerir quais palavras descrevem melhor uma dada situação. O que diferencia a consciência das respostas mecânicas que animais e bebês dão ao meio ambiente é a liberdade com que escolhemos as vantagens e desvantagens de usar esta ou aquela descrição de acordo com cada situação.

Uma das mais famosas definições ligadas ao pragmatismo diz respeito a essa ideia. Trata-se da afirmação de William James, segundo a qual a verdade é aquilo que é melhor para cada um acreditar. Dizer isso é o mesmo que afirmar que a verdade é o resultado de algo que faz diferença na vida prática das pessoas, de acordo com o contexto em que elas se encontram. Para James, portanto, a verdade não é algo que se adequa a suposta realidade essencial ou a natureza intrínseca das coisas.

Ao levantar a bandeira do pragmatismo, Rorty almeja romper com a imagem da linguagem como meio. Isto é, ele pretende desconstruir a noção de linguagem como uma entidade entre o eu e a realidade, cuja função seria exprimir outras entidades não linguísticas tais como “significados” ou “fatos”. Como vimos, para o pragmatismo não existem coisas como “significados” ou “fatos” independentes de linguagem.

Rorty argumenta que as descrições de mundo dadas por físicos e biólogos não diferem daquelas inventadas por poetas e políticos, senão no que toca sua utilidade. Isto é, enquanto o cientista cria metáforas seguindo as regras de um jogo de linguagem cujo objetivo é o de obter o maior grau possível de controle e previsão de eventos conectados pela relação de causa e efeito, artistas inventam descrições do mundo úteis para outros fins. Para ele: “Dizer que precisamos ter respeito pelos fatos é simplesmente dizer que só devemos jogar um certo jogo de linguagem, jogar a partir de suas regras”. (Rorty, 2002, p. 115)

Dito isso, o próximo passo do argumento de Rorty será defender a imaginação - e não a razão ou a lógica - como fonte da linguagem. Para ele, não representamos o mundo objetivamente e com o tempo enriquecemos nossos vocabulários com redescrições imaginativas. Na verdade, é a imaginação que desperta a linguagem.

## **2 Imaginação, linguagem e verdade**

Rorty propõe um exemplo especulativo para elucidar a concepção da imaginação no início da linguagem.

Conseguir que a palavra “vermelho” entrasse em circulação foi um feito equiparável ao de Newton persuadindo as pessoas a começarem a usar o termo “gravidade” (...). Foi necessário um gênio imaginativo para sugerir que todos fizessem o mesmo ruído quando vissem sangue, ou certas folhas no outono, ou o céu no entardecer. Quanto ao conceito de “redondo”, não era óbvio que a lua cheia e os troncos das árvores tivessem alguma coisa em comum antes que algum gênio começasse a utilizar um ruído que traduziríamos como “redondo”. Absolutamente nada era óbvio, porque a obviedade não é uma noção que possa ser aplicada a organismos que não utilizam a linguagem. (Rorty, 2009. p. 193/194).

De acordo com a teoria antimentalista de Rorty, dizer que animais e bebês já têm distinções como “esta coisa tem uma cor diferente daquela, mas a mesma forma” seria como atribuir a um termômetro o pensamento “está mais quente agora do que antes”. Falar uma língua implica em colocar coisas e ideias em relação, mas é preciso ter nomes, conceitos, descrições à mão para dar início ao processo. A distinção que o autor faz entre a imaginação e a razão, portanto, é a de que a

imaginação cria os elementos e os jogos de linguagem que a razão passa a jogar. A razão não pode ultrapassar o círculo linguístico dado pela imaginação.

Rorty não pretende sugerir que a realidade seja uma “construção” da imaginação ou da linguagem. É claro que já havia objetos vermelhos e redondos antes da linguagem. O que ele afirma, no entanto, é que só podemos pensar sobre essas coisas uma vez que já tenhamos palavras identificando esses objetos e pondo em conexão uns com os outros. Isso significa dizer que as palavras agem em diálogo uma com as outras e não como um espelho da realidade.

Habermas (2005) resume com precisão a teoria de Rorty, ao comentar que o que está em jogo é a substituição da clássica perspectiva mentalista de dois lugares (sujeito e objeto), por uma relação de três lugares (a expressão simbólica/um estado de coisas/a comunidade interpretante). O mundo objetivo continua como ponto de referência para a comunicação entre os membros de uma comunidade linguística. No entanto, os fatos comunicados não podem ser separados do processo de comunicação.

Resumindo, segundo a tese neopragmática de Richard Rorty, o mundo não tem uma linguagem, quem tem somos nós. O mundo até pode ser o motivo de certas crenças, mas para isso é preciso que já estejamos aparelhados com linguagem. E só outras pessoas podem propor uma linguagem para falarmos, não o mundo.

Além disso, se considerarmos a imaginação e não a razão como o fator determinante na produção da linguagem, esta irá se parecer mais com um jogo do que com um retrato. Da mesma forma, o que entendemos como verdade, passará a ser uma questão de persuasão ou justificação, ao invés de uma correspondência com a realidade.

O argumento é simples: somente sentenças podem ser verdadeiras ou falsas e não dados brutos não linguísticos. Não há como sair da linguagem em direção a um lugar neutro, capaz de testar a adaptação entre a verdade e a realidade. Tudo o que se pode confirmar é a coerência dentro de algum jogo de linguagem já dado.

O mundo está diante de nós, mas as descrições do mundo não. Só as descrições do mundo podem ser verdadeiras ou falsas, o mundo por si próprio – sem auxílio das descrições – não pode. A ideia de que a verdade, tal como o mundo, está diante de nós é uma herança de uma época em que o mundo era visto como criação de um ser que tinha sua própria linguagem. (RORTY, 1994, p. 25)

Rorty pensa que o conceito tradicional de verdade como correspondência à realidade é uma metáfora desgastada, que evoca a antiga crença numa fonte única de criação do mundo. Esta fonte ou instância teria dotado este mundo de um sentido invariável e imanente do qual estaríamos cada vez mais próximos de decifrar com o passar da história. Dito de outra forma, pensar na verdade como correspondência da língua à realidade é “simplesmente mais uma variante da noção de que deuses podem ser apaziguados à medida que se entoam as palavras certas”. (Rorty, 2002, p.113)

O neopragmatismo desloca o peso de termos filosóficos tradicionais como a razão, a verdade e objetividade. Por conta disso, muitas vezes, seus adeptos foram acusados de irracionistas ou relativistas. Contudo, Rorty é bastante objetivo ao defender sua tese. Ele diz que não vê nada de errado com a razão, a verdade ou a objetividade, mas sim com a herança platônica que insiste em colocar esses termos no centro da cultura e universalizá-los como o próprio sentido do que é o ser humano.

Rorty concorda com Nietzsche quando este diz que o *mundo verdadeiro* de Platão foi, na realidade, uma invenção, como um poema ou uma fábula. Porém, faz a ressalva de que não deveríamos censurar a esperança platônica de conhecer o Real como uma ilusão, porque, no momento em que se abandona a concepção de mundo Real, abandona-se também a de mundo ilusório. “A diferença entre um bom poema antigo e um poema novo melhor não é a diferença entre uma má representação da realidade e uma melhor. É a diferença entre um círculo menor e um círculo maior”. (RORTY, 2009, p.199)

Nietzsche dizia que a verdade é um batalhão móvel de metáforas, criado por seres humanos finitos em resposta a necessidades humanas finitas. Rorty pensa que, atualmente, esta ideia vive um momento de hegemonia entre os intelectuais. Ela derrubou a supremacia da concepção filosófica-idealista do século XIX que argumentava que nada existia, mas somente ideias, pondo em seu lugar a ideia de que nada existe, mas somente textos e narrativas. É isto que Rorty chama de “nova cultura literária”<sup>1</sup>.

### 3 A “nova cultura literária”

Rorty especula uma genealogia que aponta para o romantismo como raiz dessa cultura. Para ele, a tese romântica de que é a imaginação que estabelece os limites para o pensamento, pressupõe que as mudanças culturais ocorrem principalmente pela capacidade de inventarmos novos vocabulários. Não à toa, os românticos idealizaram os poetas como legisladores do mundo, pois são eles que notoriamente sempre buscaram ampliar as possibilidades dos jogos de linguagem já cristalizados.

O que se vislumbrou no final do século XVIII foi que se podia fazer qualquer coisa parecer boa ou má, importante ou não importante, útil ou inútil através de uma redescritção do objeto em causa (...). O que os românticos exprimiram como sendo a tese de que a imaginação, e não a razão, é a faculdade humana central foi a percepção de que o instrumento capital da mudança cultural é um talento para falar de outra maneira e não para argumentar bem. O que os utopistas políticos sentiram desde a Revolução Francesa não foi que uma natureza humana duradoura e da ordem do substrato tivesse sido suprimida ou reprimida por instituições sociais “não naturais” ou “irracionais”, mas sim que as linguagens e outras práticas sociais em mutação podiam produzir seres humanos de um tipo que nunca anteriormente existira. (RORTY, 1994. p. 28).

Para fortalecer seu argumento, Rorty ainda sugere uma comparação entre o valor da metáfora para a visão platônica tradicional e para os românticos. Enquanto os primeiros tinham uma concepção reducionista das metáforas, na qual “ou são parafraseáveis ou inúteis para a única finalidade séria que a linguagem tem, a saber, a representação da realidade” (RORTY, 1994, p.42); os segundos sugeriram uma abordagem expansiva, na qual a metáfora passou a ser vista como mágica e misteriosa, pois estaria ligada a uma faculdade sublime que é a imaginação. Enquanto o metafórico parecia inútil para os platônicos, o literal parecia trivial para os românticos.

No pragmatismo, a metáfora também adquire o status de ferramenta fundamental para mudança cultural, por fazer emergir novos olhares independentes das antigas crenças. Em consequência, para o filósofo pragmático, os infundáveis duelos pela posse da última palavra em termos de fidelidade à verdade perdem boa parte de seu interesse, pois o que importa não é buscar com uma lupa o lugar onde linguagem e realidade supostamente se tornariam mutuamente transparentes, mas sim novas formas de falar das coisas.

Apesar do valor que confere ao romantismo, Rorty é taxativo quanto à importância de escritores posteriores, como Nietzsche e William James, para o declínio da ideia de verdade como correspondência com a realidade. O autor mostra como ambos procuraram formular suas propostas não como a verdade, mas como uma criação imaginativa. Eles fazem parte da primeira geração de intelectuais modernos a se contentar em não ter nenhuma resposta sobre a “natureza do real” e, conseqüentemente, abandonar a empreitada de *descobrir a verdade* (anseio comum à teologia, filosofia e ciência).

Na nova cultura literária que surge a partir daí, a questão “Isso é verdade?” cedeu lugar à questão “O que há de novo?”. Conseqüentemente, escritores passaram a se interessar por enunciados provisórios, idiossincráticos e contextuais; ao mesmo tempo em que se desiludiram da busca por um discurso único, abarcador de todos os aspectos da vida.

---

<sup>1</sup> Segundo Rorty, o termo “cultura literária”, tal como ele usa, foi cunhado por C.P. Snow (RORTY, 2009).

Do plano moral, Rorty vê nisso um grande avanço, pois, assim como não acredita na correspondência entre verdade e realidade, também não vê a solidariedade como um dado natural impresso no DNA do ser humano. Para o pragmatismo, a solidariedade é construída pela capacidade imaginativa de ver em pessoas estranhas, companheiros de sofrimento e alegria. Como as demais invenções humanas, a solidariedade não é um fato alcançável pela dedução lógica, mas uma criação da imaginação. Melhor dizendo, uma ampliação no leque de pessoas que imagináramos compartilhando nossos valores.

Como argumenta o filósofo americano, o processo de se enxergar outros seres humanos como sendo “um de nós” e não como “eles” é um problema de descrição pormenorizada do outro e de redescritção de nós próprios. Esta tarefa, segundo Rorty, é bem melhor executada por gêneros como o jornalismo, o cinema e o romance do que pela filosofia ou ciência. Aliás, este seria mais um dado a comprovar a ascendência da cultura literária. Basta observarmos que, no último século: “o romance, o filme e o programa de televisão vieram a substituir de forma gradual, mas constante, o sermão e o tratado, enquanto veículos principais de mudança e progresso no plano moral” (RORTY, 1994, p.19).

## **Conclusão**

Talvez a característica mais marcante da nova cultura literária seja a substituição do anseio de descobrir pelo de criar. Cada vez mais, a verdade é vista como invenção ao invés de descoberta. É certo que o idealismo filosófico também venerou a arte como uma verdade mais elevada do que a ciência. Porém, essa veneração desaguou em teses metafísicas que foram abandonadas pelo atual textualismo. Ao menos desde o modernismo, os escritores subvertem a função representacional da linguagem, fazendo das palavras objeto e representação ao mesmo tempo. Cada vez mais os intelectuais buscam responder a textos e não a coisas, ou à natureza do real ou à verdade.

O maior problema para teóricos textualistas como Rorty é não cair na armadilha de sugerir que suas ideias estão corretas, no sentido de que finalmente desvendam como as coisas realmente são. A transição de um discurso da correspondência para um vocabulário textualista é lenta. Depende da nova relação que a cultura vai estabelecer nas práticas cotidianas com o conceito de verdade. Concordo com Rorty que, atualmente, o termo parece cada vez mais abandonar trejeitos religiosos e filosóficos em direção à plasticidade típica da literatura. Como num romance, a verdade tem sido vista como plural, como personagens, narrativas, que merecem ser ouvidas, mas que não têm o direito de submeter todas as outras a sua perspectiva.

A nova cultura literária não descobre nada. Tampouco fornece um novo ponto de vista epistemológico. Ela apenas acrescenta metáforas aos velhos vocabulários. Apresenta novas formas de vida intelectual e chamam-nos a comparar suas vantagens com as antigas.

## **Referências Bibliográficas**

- 1] RORTY, R. **Contingência, Ironia e solidariedade**. Lisboa: Editora Presença, 1994.
- 2] \_\_\_\_\_. **Objetivismo, relativismo e verdade: escritos filosóficos 1**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- 3] \_\_\_\_\_. **Ensaio sobre Heidegger e Outros: escritos filosóficos 2**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999
- 4] \_\_\_\_\_. **Filosofia como política cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- 5] \_\_\_\_\_. **Consequences of Pragmatism (essays: 1972-1980)**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1982.

- 6] \_\_\_\_\_; HABERMAS, J. **Filosofia, Racionalidade, Democracia: os debates Rorty e Habermas**. São Paulo: Unesp, 2005.

---

**iAutor**

**Tiago Leite COSTA (Doutor em Letras pela PUC-Rio).**  
Email: tiagoleite79@gmail.com